

Dança  
29 e 30 Abril '09

# L'Apprentissage

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Encenação e coreografia** Fabrizio Pazzaglia **Interpretação** Fabrizio Pazzaglia

**Texto** *L'Apprentissage* Jean-Luc Lagarce **Tradução** Lurdes Júdice

**Assistente** Steven Maché ou Paulo Reis **Difusão** Françoise Empio

**Espectáculo criado em residência** no Point Ephémère - Paris 2008

**Agradecimentos** Artur Martins, Marin, Miguel Loureiro, Nathalie Nambot, Paulo Reis, Sandrine Rouxel, Sarah Chomette, Steven Maché, Companhia de Teatro Cão Solteiro, Ginásio Academia Life-Club

**Co-produção** Cie dans la main d'Isolina, Point Ephémère

**Qua 29, Qui 30 de Abril**

**Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M16**

*A fragilidade - a força - um trabalho sobre as contradições*

*A narrativa, um personagem que é vários. O que é cenário ou espaço teatral*

Trabalho a construção do espectáculo a dois níveis ou em duas imagens, a primeira é o que faço em cena e a segunda a que é dada pelo texto.

*Não faço o que digo*

O trabalho físico repetido projecta uma presença e uma força que entra em contradição com a repetitividade e a fragilidade do texto. A contradição de não ver um doente como no texto mas alguém de boa saúde como no palco. O que permite aos espectadores criarem uma terceira imagem que fará surgir dúvidas: quem fala? o autor? a personagem? o intérprete? o coreógrafo ou o encenador?

*Sobretudo duvidar da existência da personagem*

Esta escolha artística é reforçada pela presença constante de um técnico em cena. As actividades deste durante o espectáculo ajudam a marcar o ritmo da narrativa.

*O que é que ele está ali a fazer?  
É um técnico? Um bailarino? É A?  
Ou um enfermeiro?*

Quanto ao cenário, a opção pelo minimalismo agradou-me logo...

O público, no início do espectáculo, assiste à montagem da cena. Com a finalidade de revelar um cenário vazio: argolas.

*Em vez de cenário, a realidade. Mas já lá está tudo.*

Mostrar tudo, mesmo os bastidores, o fora de cena, para não estar num cenário mas num espaço teatral... Mostrar tudo. Logo tudo se torna invisível ao não ser utilizado, dotado de significado no espectáculo. O cenário só emerge no decurso do espectáculo.

O espaço teatral nasce e cresce durante o espectáculo. Quando os dois intérpretes saem de cena, o espectáculo acaba, os actores/motores ausentam-se, e toda a sala se torna cenário.

Aprender é mudar.

Pode existir aprendizagem sem esta sensação profunda de impotência? O vácuo perante uma situação desconhecida.

É este o espaço da criação, o espaço onde se pode reinventar.

É neste silêncio que pode nascer este movimento exigente onde o antigo se torna novo.

Um passeio no limiar sem regresso possível.

Fabrizio Pazzaglia

## A Aprendizagem

### Jean-Luc Lagarce

Uma menina, um dia:

– *Antes de eu nascer, os outros já existiam?*

E outra menina, de outra vez:

– *Depois de eu morrer, vai continuar a passar-se alguma coisa?*

AQUELE QUE NARRA – Já estou aqui há vários dias – contam-me mais tarde – já aqui estou há vários dias, quando abro os olhos.

Abro os olhos. Ou já há vários dias que abro os olhos antes mesmo de o saber, vários dias depois de ter aberto os olhos e no primeiro dia em que me apercebo de os abrir.

Abro os olhos.

Várias vezes, e talvez ainda passem alguns dias entre cada movimento, várias vezes os abro e os fecho. Podem ter-se passado várias semanas sem quase ter aberto os olhos, duas ou três vezes, ou ainda uma semana, só mais uma semana, não sei, abro os olhos, quase não os abro, e volto a fechá-los. Contam-me, algum tempo depois, contam-me mas não me lembro bem, não me lembro com exactidão, é muito no início para que me lembre, demasiado no início, mais uma vez, para poder ter a certeza de me lembrar.

Abria os olhos.

Não estou bem, não estou mal, não sei nada, estou apenas aqui, não tenho opiniões, penso em mim mesmo, no interior, penso que não sei, que não tenho dores, pensava que ia ter, pensava que ia ter dores, não sei, imaginava que teria

dores, e não tenho opinião nenhuma, e não estou bem, não posso dizer que esteja bem, também não me parece que possa dizer, não, acho que não, também não me parece que possa dizer que estou bem.

Estou apenas aqui, abro os olhos, volto a fechá-los e não sei nada, não penso nada, não sei, não posso dizer nada, não sei se estou bem ou mal.

Estou apenas aqui.

A. está sentado ao pé de mim, a pouco e pouco apercebo-me disso, adivinho-o. já está aqui há vários dias, ainda antes de eu abrir os olhos, ele já aqui estava – mais tarde, é ele quem conta – mal o vejo, o pescoço obriga-me, sem perceber porquê, o pescoço obriga-me a olhar para o tecto, para o céu, para o alto, mas adivinho a sua presença, sei que está aqui, ao pé de mim, adivinho-o e se forçasse um pouco os olhos, na direcção que lhes dou, que poderia dar-lhes, ia vê-lo ainda melhor mas não o faço, não consigo, ou a vontade de o fazer, não sei, a vontade de o fazer, de virar os olhos para ele, a vontade de o fazer perde-se e não o faço. Adivinho a sua presença, aqui, sentado ao pé de mim.

Ele não se mexe. Por vezes lê, julgo lembrar-me, lê um livro como sempre o vi, lê um livro ou olha para mim, mal abro os olhos, e vejo-o a olhar para mim, olha para mim ou lê um livro e depois volto a fechar os olhos e, também então, não sei o que A. está a fazer.

Outras vezes, nas primeiras vezes que abro os olhos não tenho a certeza se A. está aqui. Talvez o imagine, de olhos fechados, talvez o invente e o faça desaparecer quando os abro. Invento-o, penso isto, imagino-o, não sei, ou então,

se calhar, ele saiu neste preciso instante, ou então sempre o inventei, toda a vida, sempre inventei A. e ele nunca existiu, ou então, e vou terminar, ou então estou a inventá-lo neste momento, abro os olhos a pouco e pouco: a intervalos irregulares e a pouco e pouco invento-o e descubro-o, aqui sentado, como gostava que ele estivesse sempre, aqui sentado, ao pé de mim, a ler.

Não sei.

Arranjei maneira de fazer assim, talvez. Abro os olhos e invento e mais hábil ainda, a pouco e pouco, depois de longas horas a pensar no assunto, mais hábil ainda: de olhos fechados, inventar e desejar e encontrar logo, exactamente, com exactidão, encontrar logo, de olhos abertos, encontrar o que se imaginou, o que se desejou com tanta força que nada poderia furtar-se, faltar ou estar ausente.

É assim com A., tenho medo.

É assim com a divisão onde me encontro, a divisão onde abro os olhos e que não existia antes de mim, de olhos fechados, não existe e, de olhos abertos, é exactamente como a imaginei, exactamente, perfeitamente, com exactidão.

Noutro dia, mas já há vários dias ou várias semanas – contam-me mais tarde – vários dias ou várias semanas depois de estar aqui, noutro dia, há longos minutos que os meus olhos estão abertos e não voltam a fechar-se, noutro dia, de olhos abertos, uma rapariga gorda entra e fala, não sou eu que a faço entrar, ela entra sozinha, por sua própria iniciativa, nunca a imaginei, *àquela*, em caso algum ideia minha, ela entra sem nunca ter sido fruto da minha imaginação, entra por si própria, adivinho-a a entrar à minha esquerda, entra e põe-se

de pé à minha frente, no fim de mim, e diz muito alto como se eu fosse surdo ou imbecil, ou então velho, diz muito alto, quase grita na minha direcção e em minha intenção, gritando em minha intenção apenas a um ou dois metros de mim, como se grita aos surdos e aos imbecis, ou aos que são ambas as coisas ao mesmo tempo, ou aos que também são velhos, sim, é possível, posso ter envelhecido sem me aperceber, grita o que eu sei muito melhor que ela, fui eu que em sei muito melhor que ela, fui eu quem decidi, ela grita:

“Ele abriu os olhos”

E sai, sem se poder saber se é boa notícia, se é boa ou má notícia, não se pode ter a certeza, é uma constatação, ela limita-se a constatar, é uma rapariga gorda a constatar.

“Ele abriu os olhos”

Grita aquilo articulando as palavras como todos farão a partir dela, como quem fala para surdos ou imbecis, ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e para os que também são velhos, para os que envelheceram sem ninguém saber, pronunciando cada sílaba com a mesma força e o mesmo interesse, a mesma ausência de interesse, gritando aquilo e dizendo-mo a mim como se estivesse a falar de outra pessoa, gritando aquilo para ter a certeza que eu oiço bem aquilo que já sei, gritando e saindo.

Aqui, novamente sozinho, fecho os olhos devagar, por minha própria vontade, regresso para o interior, gostaria de regressar para o interior e não consigo fazê-lo completamente, já não consigo, e a partir de agora, de olhos fechados ou de olhos abertos, fico na mesma, é a mesma coisa, posso fazer o que quiser, como quiser, abri-los ou fechá-los não muda nada, já não estou

no interior como queria, nunca mais estou no interior quando quero, por mais que o peça a mim próprio, que o ordene a mim próprio, já não consigo, oiço tudo e não decido. Só posso fazer outra coisa.

Também dessa vez, é a primeira vez, depois de a rapariga gorda ter saído, dessa vez também, sem verter lágrimas, choro e não sei porquê e chorar, sem verter lágrimas, e sem saber porquê, não é doce e calmo, como esperava que fosse, tivesse sido, foi, como foi, chorar sem verter lágrimas, não faz mal, é sem nenhuma doçura para mim próprio.

Nos dias que se seguem ainda, apenas dias, permaneço assim.

A. vem sentar-se frequentemente, todos os dias, acho - contam-me mais tarde, é ele quem mo conta - vem sentar-se ao pé de mim, frequentemente, quase todos os dias, mal consigo vê-lo, gostava de vê-lo melhor, de verificar se é como sempre foi, como o imagino, como queria que fosse, de verificar se é como o sonho quando não está aqui, mas puxar pelos olhos é demasiado cansativo e desisto, contento-me, conformo-me, ele está aqui e isso basta-me, tem de bastar-me.

Ele lê um livro.

Não fala comigo, não compreendo porque é que nunca fala comigo. Está sentado, lê e por vezes adivinho também, por vezes, pouso o livro, não faz mais nada, olha para mim longamente.

Por vezes a rapariga gorda, ou outras semelhantes e equivalentes, por vezes a rapariga gorda entra e fala-lhe de mim como se fala dos ausentes ou dos mortos, como se fala dos surdos, para se fazer troça deles, é sempre a mesma coisa, ou dos imbecis, como se fala dos velhos, dos que envelheceram sem

saber, como se fala dos objectos, das coisas, como quem fala de uma mesa ou de uma porta, ela diz “Ele” quando fala de mim e A. ouve-a e eu também a oiço, e escuto-a, e A. não responde nada e eu fico contente por ele não responder nada quando se fala de mim assim, à minha frente, como quem fala de uma mesa ou de uma porta.

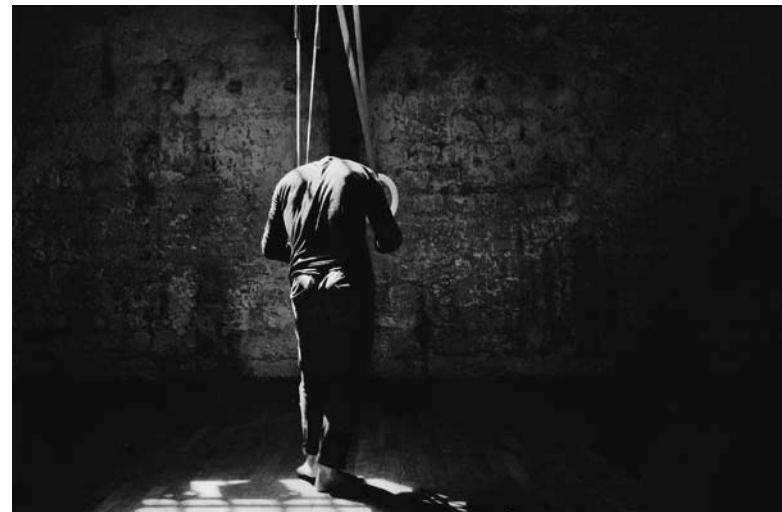
É Verão, estamos em Junho - contam-me mais tarde, é A. quem me conta, mais tarde, bem sei - estávamos em Junho. O sol e a luz vêm do lado direito e iluminam A. sentado ao pé de mim, a ler o seu livro, ou a olhar para mim por vezes, longamente, e eu, na penumbra, protegido por um véu.

Tenho calor.

Estou quase nu, completamente deitado, muito direito, muito comprido, incrivelmente comprido, nunca me imaginei tão desmesuradamente comprido, tão desajeitadamente comprido, tão feio, acho, por ser tão comprido.

De dia, quando o sol e o calor vêm do lado direito, quando A. se instala para ler, sentado junto de mim, a rapariga gorda vem, A. chama-a, a rapariga gorda ou outra qualquer, vem e dobra o lençol de cima, dobra-o com cuidado em direcção aos meus pés e de noite, apenas esse lençol, é puxado até aos meus ombros, sem eu decidir nada.

Um dia, mas há muito tempo que estou aqui, e também há muito tempo que deixei de poder regressar para o meu interior, como queria, um dia, soltam-me os pés imobilizados amarrados com uma ligadura, perfeitamente alinhados um ao lado do outro, lá em baixo, tão longe, e os braços presos, igualmente amarrados, pelos pulsos, aos lados da cama, e descubro, não



sabia, descubro que estava amarrado, por agora me terem desamarrado, e fico contente por me desamarrarem, muito contente, embora não estivesse infeliz, não, por estar amarrado, não estava infeliz, não sabia.

Tenho um tubo fino metido no nariz, é verde, quase não me dói, por dentro, está demasiado enterrado na minha cabeça. É um ar malcheiroso que entra por lá, à força, um cheiro sujo de ar sujo que cheira mal e me obriga a deixar a boca entreaberta, para me desfazer dele. O tubo aguenta-se no nariz graças a uma máscara de plástico translúcido atravessada por ele, feita de um plástico semelhante ao das sandálias para andar dentro de água e é como se eu tivesse um nariz falso de plástico de sandálias para andar na água no meio da cara, preso às minhas orelhas por dois elásticos nojentos.

Tenho dois tubos finos nos braços, estes são transparentes, parecem feitos de água. Agarram-se aos braços por intermédio de duas agulhas, por sua vez imobilizadas por uns pensos de plástico fino e transparente que dão à minha pele o aspecto de uma queimadura de ácido. O frasco da direita é maior, mais pesado, e escorre mais devagar que a bolsa plástica da esquerda que, a pouco e pouco, ao esvaziar-se lentamente, parece desinchar e acaba por ficar completamente achatada, com as duas paredes coladas definitivamente uma à outra, bastante ridícula. Quando o frasco ou a bolsa ficam vazios, a rapariga gorda ou outra parecida com ela e equivalente, a rapariga gorda vem logo substituí-los. Se ainda tiverem líquido quando elas entram, elas substituem-nos na mesma, é um longo encadeamento lento dia após dia, o enchimento de um odre descarnado.

O tubo verde sobe até uma torneira de ar, por cima da minha cabeça, um lenço de papel mantém-no ligeiramente inclinado para cima da bochecha direita, depois passa harmoniosamente por trás da orelha e, como tenho orelhas grandes, aguenta-se muito bem sozinho e as raparigas acham que não faz falta outro lenço de papel naquele preciso local. Depois continua em direcção à parede, por cima da minha cabeça.

Pareço um imbecil, vi-me ao espelho, com esta cara de imbecil, e não tive vontade de rir, achei ridículo, achei que aquilo devia dar-me vontade de rir mas não dava. *Bem.*

Respiro muito, sou obrigado a fazê-lo, o ar entra à força e sai da mesma maneira. Sou uma máquina. É esta a minha ocupação essencial, regular, ser uma máquina que se enche e esvazia de ar. Vários dias assim, respiro, apenas isso, respiro. Respiro a toda a hora e, também a toda a hora, penso que estou a respirar, é a isso que me dedico. Antes mesmo de ter aberto os olhos, dias, semanas antes de ter aberto os olhos, não me lembro mas contaram-se, antes mesmo de ter aberto os olhos e abandonado o interior, já então, sem saber, sem pensar, respirava, apenas isso, nada para além de deixar o ar entrar e fazê-lo voltar a sair, sem mais nenhuma vontade, uma máquina forçada.

Por vezes, também me deitavam líquidos nos olhos, chorava um pouco, com a cabeça deitada para trás e adormecia assim.

Outras vezes, eu estava aqui e A. chegava e a rapariga gorda, ou outra semelhante e equivalente, a rapariga gorda dizia-me, alto e a bom som, como quem fala aos surdos, aos imbecis ou aos

velhos que envelheceram sem saber, a rapariga gorda dizia, quando A. entrava:

“Está aqui a sua família” e A. entrava e era ele a minha família, de alguma maneira, pensei isso muitas vezes, ele era a minha família, a pouco e pouco, tinha-se tornado a minha família, acho.

Eu não fazia nada, esperava.

Outras vezes, noutros dias, noutros momentos, agora, levavam-me para a cave do estabelecimento, já não hesitavam em fazer-me sair da cama, metiam-me numa cadeira de rodas metálica e levavam-me para a cave do estabelecimento.

Soltam-me o tubo verde do nariz e ligam-me, através de outro, a umas garrafas amarelas atrás de mim, como as dos escafandristas, e levam os braços dos braços, suspensos por fios metálicos, atrás da viaturazita e a balançar, que lindo!

Gostava de contar isto a A., quando ele voltava a vir visitar-me ou eu voltava para o quarto e ele já lá estava à minha espera, preocupado, acho eu, preocupado com a minha ausência, pois esperava que ele se preocupasse comigo, gostava de contar-lhe o que me estavam a fazer, o que me tinham feito nas caves do estabelecimento, perguntar-lhe o que pensava disso e se achava bem que me tratasse assim, mas ainda não conseguia, ainda não era capaz, não sei, e regressava tal como estava, e não lhe dizia nada. Guardava aquilo para mim. Guardava aquilo para mim, como quando era pequeno e me diziam para não fazer fitas, e *guardar aquilo para mim.*

Também me faziam aquelas coisas todas, não sei, foi o que pensei várias vezes, nas caves do estabelecimento, faziam-me aquelas coisas todas também

porque eu não podia falar, pedir explicações, contar o que me tinham feito, ou queixar-me, quando regressasse.

São homens, quem me leva até às caves do estabelecimento, são sempre homens, com aquela cadeira de rodas metálica, empurram-me pelos corredores e servem-se dos meus pés para abrir as portas de plástico, empurram-nos contra a placa fina e metálica na parte de baixo da porta e ela abre-se e volta a magoar-me nos ombros, e o tipo não se importa com isso, limita-se a proteger os frascos de vidro por cima dos fios metálicos, não se importa comigo, leva-me como se eu fosse um saco, nada, apenas um saco.

Depois, quando chegamos ao destino, abandonam-me.

O que me empurra pelos corredores dá-me a outra pessoa, entrega-me, tenho uma papeleta presa na cadeira de rodas metálica, vem outra pessoa e lê a papeleta, vê a proveniência e o destino e ocupa-se de mim, nunca ninguém me fala, pegam em mim e largam-me, como um saco, nada, um saco a passar de mão em mão.

Fotografam-me o peito, mantêm-me em pé pois não consigo fazê-lo sozinho, com correias, imobilizam-me e fotografam-me o peito contra uma placa de metal gelada e negra. Falam alto, articulando bem as palavras, como fazem todos, como se faz com os surdos, os imbecis ou os velhos que envelheceram sem ninguém saber. Falam de mim na terceira pessoa, dizem “ele” quando falam comigo e relatam o que eu faço, enquanto o faço:

“Ele encosta-se à placa negra”

e encosto-me à placa negra.

“Ele pára de mexer”

e eu paro de mexer.

Enfiam-me um tubo pelo nariz e outro pela boca e encham-me de líquidos e sinto o coração a falhar, as duas raparigas ruiuas, uma com o tubo para o nariz e a outra com o da boca, as duas raparigas ruiuas continuam a conversar, é sobre os filhos, têm filhos, é dos filhos que falam, continuam a conversar, falam dos filhos e metem-me líquidos à força pelo nariz e pela boca dentro, encham-me os pulmões e mais não sei o quê, encham-me completamente enquanto falam dos filhos, e tanto faz que eu me engasgue, cuspa ou chore, ou não, isso não muda nada, todo o meu corpo vai explodir, mas não faz mal, as correias mantêm-me completamente imóvel, sinto o coração a falhar, acho que é isso, penso nisso, estou a pensar isso, o meu coração vai falhar mesmo a meio das suas conversas acerca dos filhos, e elas nem vão aperceber-se de nada, nem vão dar-se conta e mais tarde, quando regressar – sou eu que conto – mais tarde respondem-me com negligência:

“O coração é o último a falhar...”

e pareço um covarde, um homem que se queixa por dá cá aquela palha e ainda me sinto ferido, mais tarde, por aquele desprezo pelo meu sofrimento, pelo medo que tinha, verdadeiro, de sentir o coração falhar, como é que eu havia de saber?

Lavam-me. Fazem aquilo maquinalmente, sentam-nos no rebordo da banheira quadrada, mantêm o saco de ossos direito, e lavam-no maquinalmente. Tenho frio no cu e dores por estar assim em equilíbrio. Começam pelo lado direito, a parte de cima do braço, a parte de baixo, maquinalmente, fazem todas os mesmos movimentos, uma técnica, deve ser uma coisa que aprende-

ram, deve haver cursos de aprendizagem de limpeza de sacos.

Lavam o sexo brutalmente, empurram-no, a essa pobre coisa ridícula, *agora*, puxam a pele para trás e limpam-no, fazem aquilo maquinalmente, depois descem pelas coxas abaixo, do lado direito, o interior, o exterior, depois do lado esquerdo o interior, o exterior. Fazem o corpo rodar e tratam-me das costas, do cu.

Não se é nada, é-se objecto de todos os cuidados, tem de se ser qualquer coisa.

Nas semanas seguintes, estamos a fazer progressos, é o que toda a gente diz à minha volta, articulando bem as palavras para me felicitar, é de felicitações que se trata, dizem a mim próprio que estou a fazer progressos:

“Ele está a fazer progressos.”

Consigo sentar-me na cama, vejo o céu, consigo ver A. a ler e a falar comigo baixinho, a perguntar-me como se faz com as crianças ou os velhos, envelhecidos sem se aperceberem, a perguntar baixinho, articulando demais as palavras, se preciso de alguma coisa, se quero que faça mais frio, ou mais calor.

Pergunta-me se posso beber, se quero beber. Diz que não pode abrir a janela, que as raparigas não querem que se abra a janela, que outros, à volta, nos outros quartos, outros como eu e que eu ignorava existirem, que esses outros já não acreditam em nada e querem atirar-se do terceiro andar e os fechados das janelas foram bloqueados para os impedir de fazerem isso, mas podem abrir-se as portas, o ar vai entrar pela porta, estamos em Julho agora, pode-se deixar entrar um pouco de ar pela porta mas assim ouvem-se os outros, nos

outros quartos, esses que são como eu e cuja existência eu ignorava, ouvem-se os outros a gritar, não sabia daquilo, ouvem-se os outros a gritar que não acreditam em nada e à noite é ainda pior, ouvem-se muito e tem de ficar tudo fechado, falta-me ar fresco mas já não oiço nada, não quero ouvir, ainda não, fico sozinho com A., de dia e totalmente sozinho à noite é melhor assim.

Eu fico à espera.

Mais tarde, dias mais tarde, fala-se com dificuldade, articula-se, fazem-se gestos, aponta-se para os objectos e fazem-se barulhos horríveis para os pedir. As raparigas deixam-me ir até ao chuveiro sozinho e eu choro ao ver-me ao espelho, este despojo, e satisfaço-me com as minhas próprias lágrimas e fico contente com as lágrimas por saber que voltei a chorar.

Já nunca mais nos amamos, compreendemos que nunca mais vamos voltar a amar-nos, descobrimos isso também.

Por vezes, agora, levo uma hora para voltar a percorrer penosamente o corredor, como um velhote, que envelheceu sem saber, desfilo diante das portas abertas, considero-me vitorioso como um bebé a dar os primeiros passos, vou avançando sem ninguém que me estenda os braços, vou desfilando diante dos quartos abertos onde outros como eu, de quem ignorava tudo, onde outros como eu aguardam a sua hora em camas, com tubos no nariz e nos braços, presos, atados, nada. Imponho contenção a mim próprio. Oiço o som íntimo que fazem, preferia não o ouvir mas oiço-o na mesma. Esforço-me com extremo cuidado para só pensar em mim.

Ainda mais tarde A. lê-me livros, senta-se e lê-me livros, está sentado à

beira da cama, eu estou bem instalado e ele lê-me livros, lê-me jornais, dá-me notícias do Mundo. Falar é outra vez admissível, é um esforço menor, uma destruição menos rápida. A. diz que há Guerra, não é na nossa terra e não se percebe o que é isso da Guerra, não se consegue ter interesse pelo assunto, é uma coisa que não se compreende.

Agora rio um pouco. Telefone, conto a outros o que vivi aqui, o que julgo ter vivido e A. me contou. Adapto-me, gabo-me, aldrabo. Voltei a fingir, por isso ainda devo estar vivo.

Tento matar a raiva que começa a chegar, tento matar a raiva que começa a chegar até mim, que por vezes sobe, a raiva, o ódio também, a raiva que agora sinto contra os pais, não sei porquê, tento matar esta raiva que toma conta de mim à noite quando estou sozinho, a raiva contra os pais, a recordação dos pais, o que não deram, o que se recusaram a dar. Está-se ali, na noite, não se consegue dormir por causa do Verão, do calor do Verão e também por causa dos barulhos, dos gritos e dos gemidos dos outros nos outros quartos, esses outros de quem se ignora tudo, está-se ali e pensa-se na raiva, na recusa dos pais para connosco durante toda a vida, nessa sua recusa, acho eu, nessa sua recusa de mim, quer-me parecer, é-se nada, queria-se que eles ouvissem.

E de manhã, quando a coisa melhora, à raiva, ao ódio que poderia chegar mobilizo toda a minha energia para afogá-los, para os engolir, afogo-os e fico apaziguado e adormeço, e no dia seguinte reprovoo-me por ter sido tão mau mesmo em pensamento e mesmo no calor da noite, com todas as desculpas do mundo, reprovoo-me por isso, não

me perdoar, é sempre a mesma história, *guardo isso para mim*.

Vejo televisão.

Os Dinamarqueses estão a ganhar não sei o quê no futebol e exibem uns sorrisos magníficos.

Estou muito magro, sempre fui magro e agora, ainda estou mais magro, e então, acho-me tão magro que não consigo ver-me sem desespero, sem a vontade de chorar mas sem o ódio e o desencorajamento. Desisto.

Atribuo resoluções a mim próprio, tomo resoluções, encorajo-me, coisas assim, encorajo-me como sempre fiz, a não olhar muito para trás, a recusar, a admitir, agora, que o que se perdeu está perdido para sempre e nunca mais vai voltar.

Admitir a ideia muito simples, e muito apaziguadora, muito alegre, é isso que quero dizer, muito alegre, sim, a ideia de que hei-de regressar, e terei outra vida depois desta em que serei o mesmo, em que terei mais charme, em que andarei pelas ruas à noite com mais segurança ainda do que antes, em que serei um homem muito livre e muito feliz.

A ideia frequente, maquinal, quase dita em voz alta:

“Vou fazer isto para a próxima...”

A ideia muito alegre, muito apaziguadora e perfeitamente ancorada no meu espírito, sempre com um único receio, um pouco imbecil, o único receio de acordar, como quando se acorda de uma dor de dentes, e ter enfim medo e começar de súbito a gritar, como uma criança, aterrorizado, a despropósito, depois de o perigo ter passado.

Perto do fim, passaram-se assim várias semanas, a pouco e pouco, falam de deixar-me sair, ir lá fora, voltar lá

para fora. Falam-me disso e eu oiço. Dizem-me que A. virá buscar-me no fim da semana, poderá vir buscar-me como se vão buscar as crianças às colónias de férias, no fim do Verão, e poderá levar-me com os maiores cuidados, poderá levar-me para o exterior. Falam-me disso e é com isso que sonho.

A pouco e pouco a estadia foi chegando ao fim, já não tinha nada para fazer ali.

Um homem jovem agonizava no quarto ao lado e a família revezava-se junto dele noite e dia. Era bastante terrível aquela agonia que se adivinhava do outro lado da porta.

Morreu hoje à uma da tarde. Ouviu-se um grito de mulher, depois o de um outro rapaz, o irmão, acho eu. Eram todos terríveis com toda aquela sua dor. Andavam a gritar pelos corredores e as raparigas tinham muita dificuldade em acalmá-los, em fazer com que fizessem menos barulho, por nossa causa, por causa de nós, os outros, de quem eles ignoravam tudo, elas não queriam que nós ouvíssemos aquela maldição, aquele insulto a Deus, ouvia eu, pois era de insultos a Deus que se tratava.

Eu escutava. Aquilo gelava-me o sangue. Não podia deixar de pensar que aquele homem jovem esgotado, cadavérico, estava enfim livre, mas a dor dos outros metia-me medo e estava esgotado com aquela infelicidade que eu próprio poderia ter provocado, com o abandono que eu teria podido cometer.

A rapariga gorda, aquela de quem eu não gostava, a rapariga gorda bastante brusca, entra no meu quarto, acaba de limpar o quarto do homem jovem morto e sorri para mim com simpatia, como nunca me sorriu antes, ou como nunca

notei que tivesse sorrido antes, esteve a chorar e sorri e está com um ar bastante ridículo e avermelhado, é isto que penso.

Encoraja-me a sair para um passeio, diz que estou autorizado, que isso vai fazer-me muito bem, trata-me por você como nunca fez antes, diz:

“Devia ir dar um passeio”

e encoraja-me a andar sozinho, diz que vou sair em breve e que tenho autorização para sair um pouco, já, para pouco me afastar, são estas as palavras que utiliza, para pouco me afastar do perímetro. Está um tempo magnífico, é um belo Verão, daqui de onde estou, ela diz isto, daqui de onde estou, não me dou conta mas está um tempo magnífico e quem me dera vê-lo, é ela própria que diz isto, com uma tarde tão bela, se não tivesse de ficar aqui, se não fosse obrigada a isso, bem gostaria de poder aproveitar, um dos mais belos Verões que se possam imaginar, ela diz isto, e que eu tenho de fazer um esforço, tenho de me habituar, que chegou a altura de mexer-me sozinho, a partir de agora.

Visto-me e saio.

Caminho devagar até à alameda; cerca de um quarto de hora de nada, não sei fazer nada, a luz fere-me os olhos, não sei bem para onde ir, não me afasto do estabelecimento, tenho medo de perder-me, é sempre a mesma história, como um imbecil ou um pobre velhinho, que envelheceu sem saber.

Compro cerejas. São difíceis de comer, não sei se são boas e como tenho medo que os carros me atropelem e me esmaguem, aperto contra mim o pequeno saco de papel e vou comê-las para o meu quarto.

Tradução: Lurdes Júdice

**Textos de Jean-Luc Lagarce traduzidos para português:**

**A Aprendizagem** *L'Apprentissage*  
traduzido por Lurdes Júdice (2007)

**Apenas o fim do Mundo** *Juste la fin du monde*  
traduzido por Giovana Soar (2005)

**História de amor (últimos capítulos)**  
*Histoire d'amour (derniers chapitres)*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (2005)

**Últimos Remorsos antes do esquecimento**  
*Derniers remords avant l'oubli*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (2005)

**Do Luxo e da impotência**  
*Du luxe et de l'impuissance*  
traduzido por Giovana Soar (2005)

**Music-hall** *Music-hall*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (2005)

**As regras da arte de bem viver na sociedade moderna** *Les règles du savoir-vivre dans la société moderne*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (2004)

**Tão só o fim do mundo** *Juste la fin du monde*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (2004)

**Estava em casa e esperava que a chuva viesse** *J'étais dans ma maison et j'attendais que la pluie vienne*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (2004)

**Eu estava em minha casa e esperava que a chuva chegasse** *J'étais dans ma maison et j'attendais que la pluie vienne*  
traduzido por Maria Clara Ferrer (2003)

**As regras da arte de bem viver na sociedade moderna** *Les règles du savoir-vivre dans la société moderne*  
trad. por Alexandra Moreira da Silva (1999)

© Daniel Picado



## Fabrizio Pazzaglia

Depois de ter estudado dança clássica (diplomado pela Royal Academy of Dancing de Londres) e ginástica no Instituto Superior de Educação Física, Fabrizio Pazzaglia instalou-se em França, trabalhando com diversos encenadores e coreógrafos: Dominique Frot, Brigitte Seth, Roser Montllo' Guberna, Anne Sicco, Hervé Jourdet, Francis Plisson, Philippe Tréhet, Olga Roriz, Matthew Jocelin. Encenou e coreografou vários espetáculos: *Teta Veleta*, inspirado na obra de Pasolini (Paris, 1995 - Théâtre Contemporain de la Dance; Fondation Cartier); *Lisbonne, ville invisible* (Lisboa, 1999 - espetáculo subsidiado pelo Ministério da Cultura de Portugal); *Dimanche 8 octobre* (Paris, 2000); *Nijinski: Memoria Prima* (Perugia, Itália, 2001; Estarreja, Portugal, 2001). Criou ainda esta encenação e coreografia do texto *L'Apprentissage* de Jean-Luc Lagarce, que foi estreada em Paris, em 2008, no Point Ephémère.

Tem dirigido vários estágios na Europa, destinados a profissionais do espetáculo, nomeadamente para a AFDAS (*Fonds d'assurance, formation des secteurs de la culture, de la communication et des loisirs*), como, por exemplo, um estágio sobre os insectos sociais, inspirado no texto *A Vida das Abelhas*, de Maurice Maeterlinck.

## Jean-Luc Lagarce

Jean-Luc Lagarce (1957-1995) nasceu em Héricourt (Haute-Saône).

Escreveu, entre outras, as peças *Derniers remords avant l'oubli*, *Les Prétendants*, *J'étais dans ma maison et j'attendais que la pluie vienne* (*Estava em casa e esperava que a chuva caísse*), *Juste la fin du monde* (*Tão só o fim do mundo*) e *Le Pays lointain*.

Autor e encenador, fundou o Théâtre de la Roulotte em 1978. Encenou, nomeadamente, Marivaux, Labiche e Ionesco, além das suas próprias peças.

Morreu precocemente, aos 38 anos, vítima de sida.

Deixou uma obra extensa - algumas dezenas de peças, um ensaio, *Théâtre et Pouvoir en Occident* e várias narrativas - que é hoje redescoberta por críticos e encenadores.

Os seus textos estão traduzidos em muitas línguas e têm sido representados em numerosos países.

Peças suas foram representadas pelo Teatro do Noroeste - Centro Dramático de Viana (*Estava em casa e esperava que a chuva caísse*, 1998 e *As regras de bem viver na sociedade moderna*, 1999) e pelos Artistas Unidos (*Tão só o fim do mundo*, 2005, *As regras de bem viver na sociedade moderna*, 2005, *Music-hall*, 2005, com Tá Safo, e *História de amor* (*últimos capítulos*)).

## Próximo espetáculo

# La Danseuse Malade

De Boris Charmatz

Com Jeanne Balibar e Boris Charmatz

**Dança Qui 7, Sex 8 Maio**

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M12

Não sei se gosto do Hijikata. Acredito na vontade de transmitir os seus escritos, que eles próprios transmitem a sua dança. A sua dança, o seu *butô*, as suas inquietações, são legíveis nos terrenos movедidos, nos sentimentos de derrota, “esta cabeça de bebé no fundo da minha miséria”, que ele derrama sobre o papel. O que nos poupa talvez radicalmente a necessidade de fazer, refazer, a sua dança. “Embora satisfeitos de termos cabeça e quatro membros, digamos mesmo assim que gostaríamos de ser impotentes, que bem gostaríamos de uma vez por todas de ter nascido impotentes; porque só quando nos vem este desejo é que se realiza enfim o primeiro passo de dança”.

Não que seja motivo de vergonha tentar refazer o *butô* (há-de haver de certeza um *butô* ainda por inventar : o *rebutô*? - repulsivo (*rebutant*) deveria ser o novo *butô*...). Mas a minha ideia é não fazer *butô* a partir destes textos alucinantes, porque eles têm já o *butô*



em si próprios. A miséria, a lama, a deformidade, as tripas, está lá tudo... O trabalho acontecerá por baixo e ao lado. Exumaremos o pensamento de um artista imenso de forma que nos deixe totalmente entregues às nossas próprias extravagâncias.

Que a força dos seus escritos, que devem ser como que dados a ler, nos deixe livres mesmo no gesto de os transmitir. Não nos inspiremos em Hijikata, não fabriquemos um espetáculo que decorra dos seus escritos, não façamos verdadeiramente “uma encenação”.

Brandimos uma bandeirola de braço estendido, mas mesmo assim eles são capazes de nos pingar em cima, de derramar as suas imundícies. Talvez seja por isso que eu não sei se sou capaz de gostar de Hijikata: ele parece sujo, morto, impotente, virgem e obsceno.

Boris Charmatz

Os portadores de bilhete para o espetáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

#### Direção Técnica

Eugénio Sena

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

#### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---